

## APRESENTAÇÃO DO DOSSIÊ ESPECIAL DO OBSERVATÓRIO FUNDIÁRIO FLUMINENSE – OBFF/UFF

Dedico esse Dossiê a três parceiros de reflexão e luta:

À **Cecilia Coimbra**, na Psicologia da Intervenção Institucional e da Memória Política contra qualquer forma de Ditadura, uma das fundadoras do Grupo Tortura Nunca Mais;

A **Carlos Walter Porto-Gonçalves**, na Geografia do Pensar-Sentir as Territorialidades da Amazônia, amigo pessoal de Chico Mendes que escreveu nos Cadernos de Primeiros Passos da Brasiliense: “Quem é Chico Mendes” (*in memorian*).

A **Michel Misse**, um grande na Sociologia Antipunitivista pela Dialética de resistência do Malandro e um dos compositores do Bloco Amigos da Maracangalha puxado por um grupo de parceiros que estudaram juntos no Instituto de Ciências Humanas e Filosofia (ICHF) da UFRJ no meio da ditadura (eu entre eles) e que resistem até hoje e mais... com o carnaval na forma de luta eterna (*in memorian*).

\*

Deve-se evitar, antes de tudo, fixar a “sociedade” como outra abstração frente ao indivíduo. O indivíduo é o *ser social*. [...] Para o homem socialista, *toda a assim chamada história universal* nada mais é do que a produção do homem pelo trabalho humano, o vir-a-ser da natureza para o homem tem assim a prova evidente, irrefutável de seu nascimento de si mesmo. Ao ter-se feito evidente de uma maneira prática e sensível a *essencialidade* do homem na natureza (Karl Marx, *Manuscritos Econômico-Filosóficos*, São Paulo: Abril Cultural, 1978, p. 10 e 15).

O Concreto é concreto porque é a síntese de muitas determinações, isto é, a unidade do diverso. Por isso o concreto aparece no pensamento como o processo de síntese, como resultado, não como ponto de partida ainda que seja o ponto de partida efetivo e, portanto, o ponto de partida também da intuição e da representação (Karl Marx, *Para a Crítica da Economia Política – O Método da Economia Política*, São Paulo: Abril Cultural, 1978, p. 116).

Este Dossiê na Revista Confluências – do Programa de Pós Graduação em Sociologia e Direito (PPGSD), no qual sou credenciada na Linha de Pesquisa Conflitos Socioambientais Rurais e Urbanos, está estruturado a partir de uma dupla vertente: ser uma devolutiva do processo de pós-doutorado junto ao Departamento de Ciências Políticas da Universidade de São Paulo (USP), sob supervisão do Professor Jean François Germain Tible, enquanto experiência da *circularidade de ideias* e, simultaneamente, para produzir um ensaio visando apresentar minha trajetória como docente, na pesquisa e na extensão, vinculada ao Departamento de Sociologia e Metodologia das Ciências Sociais onde sou atualmente a Decana, em uma espécie de despedida e fechamento de um ciclo de minha trajetória com a aposentadoria através do Observatório Fundiário Fluminense (OBFF)<sup>1</sup>. Para tanto, parti da organização de uma disciplina no segundo semestre de 2024: *A Crise das Crises da Sociologia Ocidental e o que se pode estudar dentro dela*. A ideia era a de permitir que esse raciocínio, em suas muitas formas e temas, pudesse ser compartilhado por alunos da graduação através de diferentes narrativas e autores, como uma espécie de síntese de todo o meu trabalho no ensino superior e para que eles pudessem reconhecer tanto pelo conteúdo como pela forma: em que medida, nada do que consegui como professora, investigadora e extensionista teria sido possível de modo individualizado e isolado.

A ideia concretizada neste número da Revista Confluências foi a de trazer uma apresentação do trabalho do OBFF através de reflexões envolvendo 31 autores e muitos alunos da disciplina ajudando nas transcrições.

Para o desenvolvimento das aulas da disciplina, decidimos fazer um acordo, eu e Elizabeth Arruda. Ela, como minha orientanda de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) na época, atuou voluntariamente como minha Assistente de Curso e depois seguiu comigo nessa tarefa de produção do Dossiê, para o que convidamos ainda mais três de meus orientandos, um de mestrado e dois de doutorado, na época: Mauricio Correia Silva, Thaís Henriques Dias e Geraldo Miranda Pinto Neto e, juntos, enfrentamos a tarefa dessa Organização editorial diante da Revista.

Desnecessário dizer que minhas (in)habilidades etárias com sistemas e funções digitais e “internéticas” foram marcantes nesse percurso, mas sei que as partilhas de habilidades intelectuais também foram decisivas para nos colocar em pé de igualdade e para tocar esse projeto. E que fique claro que sem elas e eles esse Dossiê nunca teria vindo a luz! Por esta

---

<sup>1</sup> Em 2006, junto com alunos da graduação de Ciências Sociais, criamos o OBFF e dele sou a Coordenadora desde então. Vá ao site para conhecer pessoas, ideias e produções: <http://obff.uff.br/>.

razão, doravante vou falar na maior parte das vezes na segunda pessoa do plural porque é justo e porque já aqui inicio um exercício de “alteridade colegiada”, onde eu sou eles e elas e, eles e elas seriam eu mesma! Um conjunto de vozes que falam comigo e por mim, porque, do modo como me vejo, eu não poderia sequer me descrever e ao meu trabalho se não fosse pelo plural. Entretanto, como poderá ser visto, irei intercalar momentos de individualização sempre e quando a experiência vivida assim exigir.

Então vamos: aqui neste Dossiê, pretendemos demonstrar através dos artigos, a relevância dos compartilhamentos construtivos de meu pensamento para me gerar e me transformar por um acúmulo intelectual e político na carreira, enquanto sujeito coletivo que se promove e promove conhecimento científico na teoria crítica, a partir da experiência de trocas, discussões e conflitos de ideias dentro de um mesmo paradigma, o do Materialismo Histórico Dialético e, a partir dele, abrindo meu olhar em debate para os demais paradigmas da Grande Sociologia: o positivismo e o formalismo. Além de tentar, sempre que possível, estabelecer um movimento de procurar “aprender a aprender junto”, mesmo na discordância, para construir pontes no sentido de conectar o saber instruído aos saberes locais “experenciados” portados por grupos e comunidades humanas que se tenta investigar ou assessorar em situações de conflito – sempre – ao longo de quase 50 anos.

Por isso escolhemos colocar aqui as partes diversas e intencionalmente tensionadas desse processo e que convergiram nesse longo percurso – para mim adorável e instigante – me reconhecendo como uma mulher plural que deve ser representada nesta condição pelo laboratório de formação e ação extensionista que criei e coordeno desde o ano 2005, o Observatório Fundiário Fluminense, o OBFF, que promove uma atuação que pode ser apontada como *Academia Militante* e uma experiência metodológica que chamamos de *Sociologia Viva*, através de muita leitura de Teoria e de trabalho de campo metodologicamente participativo e criativo<sup>2</sup>. Portanto, esse percurso que aqui apresentamos (sendo o meu percurso ao lado do percurso de meus ex ou atuais orientandos/as, com os quais me constituo numa rede, mantendo nossa condição de coletivo sem jamais apagar nossas singularidades intrínsecas e libertárias muito bem-vindas), alia o “povo do OBFF” aos convidados “falantes” (Lacan), que aceitaram estar aqui conosco. Esses convidados, é importante que se diga, devem ter suas considerações livres de qualquer erro que este Dossiê venha a trazer e longe de qualquer insinuação de

---

<sup>2</sup> Ver o volume 21, número 2, da Confluências, com a apresentação “Por uma Sociologia desde Abajo”, publicado em 2019. Ver também o volume 18, número 36, da Revista Trabalho Necessário, com a apresentação “O Comum na América Latina”, publicado em 2020.

intenções particulares que eventualmente possam aparecer, porque não devem atingir a grandeza da integridade e da sagacidade intelectual de cada um/uma.

Mas, torna-se imperativo dizer que a amizade entre nós como indivíduos ou grupos, é fato e, de *per se*, já se desenha como um alento ao livre e criativo pensar. Por isso agradecemos a cada uma/um que sempre nos ofereceram acima de qualquer coisa como conhecimento, enquanto nos desculpamos, como Organizadores do Dossiê, por alguma extravagância que possa ter ocorrido de nossa parte, a ponto de eventualmente colocá-los/as de algum modo mal situados por trazê-los para dentro desse nosso mundo acadêmico particular.

A intenção foi a de formar pedagogicamente na disciplina, uma diversidade de narrativas com base em pesquisas ou em produção teórica crítica, que abordassem de modo amplo e autônomo a indicação temática em geral e/ou suas consequências. Isso enquanto eu vou me despedindo gradualmente do trabalho na graduação, impelida pela lei da aposentadoria compulsória dos servidores públicos federais, em função da idade, embora eu vá continuar minhas tarefas acadêmicas no PPGSD, onde sou credenciada como professora do quadro permanente. E continuo sendo a Coordenadora-geral do OBFF que deve ser considerado publicamente como *Intelectual Coletivo*, cujas cabeças e afetos estão incluídas no Observatório e, algumas pelo menos, estarão aqui, além de trabalhar na Organização deste dossiê e simultaneamente como escritores/as, dando voz a nosso corpo comum e se apresentando para o leitor, ao lado de convidados imprescindíveis que conseguiram tempo suficiente para dar as aulas nessa disciplina e fechar a tarefa de escrever os artigos. Lamentamos algumas ausências por escrito, como as do Professor Mauricio Vieira e da Professora Virgínia Fontes, porque ganhamos demais com suas aulas, e porque, paradoxalmente, também sabemos que a rotina de trabalho desses grandes pensadores marxistas, na academia e na militância, na atual conjuntura, está a cada dia mais exigente.

Vale dizer que no dia-a-dia, nossos/nossas companheiros/as do OBFF que aqui falam, ou que dessa vez apenas nos leem, estão todos e todas em geral (ex ou atuais alunos da UFF), envolvidos com a continuidade da reprodução de outras formas de coletivos pensantes e de ação, ligados ao primeiro Observatório-Mãe, o OBFF. Muitos criaram seus próprios Laboratórios ou associações em equipe, no exercício de suas atividades acadêmicas e políticas, onde exercem seu trabalho, suas pesquisas ou suas intervenções profissionais. E, mesmo que estejam longe, acompanham situações de maior externalidade à rotina, cujo grande valor é continuar parte do pensar no OBFF. Como é o caso de Juliana Gomes Moreira, uma mulher negra no Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra (MST), que abandonou a Sociologia

meses antes de se formar e hoje é uma teórica da agroecologia reconhecida através do Quilombo das Bruxas, grupo que se organiza no assentamento Terra Prometida no Rio de Janeiro. Ou o caso de Maíra Martins, que trabalha com assessoria de apoio a organizações não governamentais internacionais voltadas contra a pobreza, fome e a subalternização no mundo, assessorando pautas de grupos organizados nessas situações. Somos assim, um coletivo que pensa junto mesmo quando longe e mesmo se pensa diferente.

Estão aqui com uma bela escrita juntos ou separados, entre os membros do OBFF, além de Juliana e Elizabeth Arruda: Flávia Pita, Thais Lutterback, Rodolfo Lobato, Mauricio Correia, Geraldo Neto, Thaís Henriques, Vanessa Ferreira Lopes, com Pedro Cuco, seu convidado da Universidade Federal do Tocantins (UFT), Maria José Andrade, Erika Moreira e Ana Claudia Tavares. Infelizmente, alguns não puderam se fazer presentes, como Luiz Eloy Amado (ou Terena)<sup>3</sup> – hoje em cargo importante no Ministério dos Povos Indígenas envolvido em trabalho pesado, não pôde produzir um artigo ou dar aula. Super ocupado buscando reparações para os “parentes” até agora invisibilizados e sofrendo violência em seus corpos-territórios pelo seu modo não capitalístico de reprodução da vida. Igualmente Bernardo São Clemente, Bernardo Xavier e Anderson (ex-aluno de Direito do Pronera de Goiás, hoje no Conselho Indigenista Missionário (Cimi) assessorando a guerra de fazendeiros contra os Guarani Kaiowá, assim como Emmanuel Oguri Freitas e Hugo Belarmino. Esses dois últimos, também não puderam estar presentes aqui porque, apesar de terem escrito juntos um artigo, não conseguiram atender ao prazo final dado pelos Editores, por razões de trabalho acadêmico e assessoria a movimentos sociais. Hugo, professor na Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e Coordenador do Observatório Ubuntu, pelo menos está de outra forma, porque ele realizou comigo a impactante entrevista com Raquel Gutierrez e fez a tradução. Mas o fato é que ele esteve muito atribulado fechando os encaminhamentos que resultaram da participação junto à equipe de advocacia popular que assessorou o processo finalmente vitorioso contra o Estado brasileiro perante a Corte Interamericana de Direitos Humanos da OEA (em Costa Rica), contra a ausência de punição aos executores das mortes dos trabalhadores rurais Manoel Luiz da Silva e de Almir Muniz da Silva, lideranças e defensores dos Direitos Humanos. Enquanto Emmanuel, da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), criador do seu Observatório do Trabalho e

---

<sup>3</sup> Luiz Eloy, menino precoce e super inteligente, foi meu orientando no PPGSD onde defendeu a tese “Campo Social do Direito e o Direito Indigenista Brasileiro”, chamando atenção para o “Direito do Chão da Aldeia”. Fez pós-doutorado na École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS) em Paris. Defendeu como advogado no STF duas ações históricas contra o Marco Temporal e, recentemente, recebeu o Título de Doutor Honoris Causa da UFMG. Apreendi com ele a orientar respeitando a formação de pensamento dos originários.

Resistências, e Coordenador do Projeto de Extensão Direito e Movimentos Sociais: interações dialógicas acerca da produção jurídica – ficou envolvido com ações protetivas a lideranças de comunidades quilombolas assediados por empresas que atravessaram com violência e abuso esses territórios com linhas de transmissão nas proximidades de Feira de Santana.

Os demais aparecem como nossos convidados porque precisamos de suas falas. Cada uma/um deles e delas em seus escritos aqui neste Dossiê, foram escolhidos com esmero por tudo o que têm de qualidade e importância a aportar na academia crítica e militante – nosso lugar de fala e ética. Alguns têm enorme reconhecimento e presença relevante e pública e, pela amizade, aceitaram estar aqui analisando histórias e teorias solidariamente acima dos lugares que ocupam, como é o caso de Leonilde Sérvolo de Medeiros (CPDA/UFRRJ), Gizlene Neder (UFF/História) e Márcia Rodrigues (Ufes), e também Jean Tible (USP/Ciência Política). Além deles e delas, vieram ainda outras parcerias que trouxeram novas forma de pensar e sobre novas narrativas, como Caio Netto dos Santos (Unesp), Fernando Rodrigues Frias (USP) e Heitor Moreira Lurine (Unicamp) que trouxe com ele duas convidadas da Universidade Federal do Pará (UFPA) (Sandra Lurine Guimarães e Ana Luiza Pereira) para nos honrar. Seus temas e títulos poderão demonstrar quando se trata de expertise em ideias clássicas fundamentais e quando se refere a exercícios de ofício de pesquisa empírica qualitativa, documental ou quantitativa, relacionadas ao ensino e à extensão no campo das investigações sobre situações de conflito ou de alta tensão. Vieram participar para compor um mural de ideias inovadoras na problemática de raça, classe, gênero, formas de dominação, opressão e resistências. Assim, entre pesquisadores do OBFF, celebridades e estudantes pesquisadores, sem importar se estão consagrados ou apenas iniciando a carreira acadêmica, mas demonstrando forte acuidade crítica e maturidade para além da hierarquia institucionalizada, como nos casos de Elizabeth, João Pedro e Geovana, que criaram o Núcleo de Estudantes Negros das Ciências Sociais da UFF. Estamos aqui, enfim, falando para os leitores nessa tradição que tentamos estar fundando: a do trabalho intelectual coletivo na Teoria Crítica!

Essas vozes falantes, como se verá, se definem por escolhas políticas claras, depuradas pela posição de classe, raça e livre orientação sexual. Epistemologicamente, são coerentes quanto à percepção da totalidade social significativa, como uma unidade da diversidade, onde o sujeito do conhecimento trava embates com o objeto a ser conhecido e vice-versa. Metodologicamente, com essas variadas escolhas, procuramos demonstrar, através de pessoas com análises iluminadas e suas experiências de pensar, entender, pesquisar, ensinar e intervir, que, em seu ofício, são pensadores sistemáticos, com ideias intensamente desenhadas no



acúmulo estudado e de autoria, ao mesmo tempo em que são criativos e permanecem perguntando tudo o que podem ao mundo.

São vozes que aportam indicadores de formas de argumentação histórico-críticas e de praticidade investigativa de situações e processos dinâmicos. São vozes que acumulam leituras e interesses, discussões e escritas, poemas, músicas e imagens guardadas na cabeça e na alma. Elas representam contatos que fui tendo, alguns programados em qualificações, outros em sala de aula ou em orientação, e outros no campo empírico da investigação ou da luta e depois fui partilhando em Bancas ou grupos de estudo, tornando esses contatos como de livre aquisição de interesse e curiosidade para todas/os. Por isso, posso dizer que, nessa condição, foram bem recebidos e reconhecidos pela equipe de Organização.

Identifico nossos autores assim, de forma geral, porque fui me deparando com cada um e cada uma, enquanto caminhava pelo meu trabalho como cientista na UFF e fora dela. Fui encontrando, passo a passo, e eles e elas foram se ampliando do objetivo comungado até o afetivo emergente e cultivado. Chamamos muitos e os que puderam vir concordam conosco que conhecer o social é trabalho e arte. Para se chegar a uma aproximação do objeto observado e lido como o outro em ação, é preciso também sentir sem preconceito. Por isso, tentar se colocar no lugar do outro é impositivo. Aqui estão vozes que se expressam aprendendo enquanto ensinam, e ensinam enquanto aprendem. Transformam o ambiente social ao final e são transformados pelo que estudam.

Vozes que se descobrem gritando, chorando, exultando, descobrindo, revelando estratégias de dominação anticapitalistas e reagindo. Vozes que se afinam ou engrossam, silenciam ou narram, na medida em que seus portadores passam a ser admirados e admiradas, temidos, temidas ou estranhados e estranhadas. Vozes que transformam o medo em tática, mas jamais o subestimam. Vozes que se preparam com erudição e querem dialogar ou denunciar! Vozes que falam e fazem luta com outras vozes somadas, da academia e fora dela, e se associam com as ações de segmentos subalternizados e oprimidos, pretendendo atingir suas utopias e sonhos. É neste sentido que eu encontro a nossa identidade comum e me inclino às suas trajetórias. Prazerosamente fui vendo como Elizabeth Arruda, Thaís Henriques, Mauricio Correia e Geraldo Neto me acompanhavam para a organização deste Dossiê. A ponto de eu poder transformar os períodos acima, do singular para o plural, apontando como nossa escolha era comum. São vozes de parceria que se complementam ou discordam. São vozes diferentes que prezam a diferença para se entenderem e que se sentem idênticas sem se confundirem.

As vozes de parceria, e dentre as dos convidados, estão no lugar biográfico de minha geração e das gerações de depois, ao lado de contemporâneos professores, estudantes e técnicos administrativos, até chegar dentro do OBFF que continuamos fazendo. As vozes de ex-alunos e atuais alunos, produzidas na pedagogia de orientação, ou que estão no compartilhamento da pesquisa, na graduação ou na pós-graduação, também entraram. E nos resultados que levaram ou estão levando à produção de TCCs, dissertações de mestrado e teses de doutorado. Procurei estar, na medida do possível, ao lado de cada um e cada uma desde a construção do objeto teórico e durante o ato de fazer o trabalho de campo ou o trabalho de coleta de documentos. E estive, certamente, na banca como arguidora, orientadora ou como parecerista de cada um e cada uma. Conheço seus lugares e ambientes de pesquisa – de quase todos e todas – e conheço seus “falantes” (Lacan) prioritários (alguns chamam de *informantes*) nas pesquisas de campo principais. São mais do que orientandos e ex-orientandos, são meus filhotes acadêmicos e já estão me dando netos! Os demais são, antes de tudo, amigos.

E estas são vozes que apoiam, sem vergonha ou consideração conjuntural, a luta em defesa de uma universidade pública, gratuita, de excelência, a serviço da população, absolutamente vigorosa nas invenções, ampliando mais e mais questões ao universo. E se esmeram por um mundo melhor, mais justo e libertário, enquanto pensam, perguntam, entendem, explicam e recomeçam tudo de novo. Vozes que adoram livros!

Vozes que se comunicam com fraternidade e se ouvem. Que nunca irão considerar que o Homem tem basicamente uma punção – *Tânatus*, que seria intrinsecamente selvática e destrutiva como a guerra, inevitável para o caos, inevitável para a desordem “incivilizada” que precisa ser domesticada desde fora deles mesmo (Emille Durkheim) e que por isso – na condição de “colonizados” pelo branco no poder, somos negros, camponeses, indígenas, numa palavra, trabalhadores, tidos como inerentemente inferiores e especialmente nada mais do que plebe (Oliveira Vianna). É deste enfoque que decorre a concepção liberal/autoritária que nos reduz a uma camada social que precisa de controle externo e de cima para baixo, para alcançarmos a civilidade ocidental eurocêntrica.

Ao contrário, as vozes falantes nesse Dossiê, como verão, concebem de diferentes modos que a punção fundamental do Homem vem, na verdade, de *Eros* – porque sua natureza é a de ser livre e que por isso é bonito ser diferente e diverso.

Nossos artigos nunca deixarão de provocar o pensar, expor, transgredir ou denunciar! Seus autores, em comum com nossa versão da sociologia entendem, em acolhimento, que fazer conhecimento é apontar para a exuberância da natureza humana do Homem revolucionário



anticapitalista (Gramsci) na dialética de suas três dimensões: a da sua própria e relevante individualidade; a da relação não justaposta e opressiva com os demais homens; e, por último, a da relação com a natureza pelo trabalho criador e criativo (não destrutivo) que transforma e o integra aos demais sujeitos não humanos imprescindíveis!

E para acompanhar as escolhas dos olhares que nos estarão lendo, apresentamos nossa organização no Dossiê, colocando os autores e seus artigos dentro de temas e propostas em quatro grandes blocos e mais um roteiro complementar com três partes que traduzem a organização da Revista: uma entrevista; uma resenha de livro publicada nos últimos dois anos; e uma tradução de artigo de autor inédito, em português. O convite está colocado para leitura e aqui estamos esboçando apenas um guia para cada autor e seu texto.

O Bloco I será o mais especificamente detalhado porque ele apresenta a formação da identidade coletiva do OBFF, imbricada com minha trajetória em parceria de ensino-aprendizagem e em atividades de extensão ou assessorias em processos de luta, o que em geral já incluem, nestes casos, o pressuposto da realização de uma pesquisa para que as práticas extensionistas, que ficam mais longas e para que possam ser, fundamentalmente, mais participativas.

## **Bloco I – Pressupostos teóricos, processos de construção coletiva de uma identidade a contrapelo e autorreconhecimento na academia militante que levou a fundação do OBFF como intelectual coletivo**

(1) *Rosa Luxemburgo, nossa contemporânea* – Antonio Motta é economista e professor da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), apaixonado e especialista no pensamento de Rosa Luxemburgo. Ele inicia aqui, trazendo a base conceitual de excelência da autora. As mesas teóricas sobre marxismo<sup>4</sup> que assumiram a teoria do Materialismo Histórico Dialético foram várias, mas nem todas se materializaram em artigos, à exceção do conteúdo aportado por Jean Tible aqui colocado em outro momento, no Bloco IV, e do próprio Antonio Motta (que só é meu parente por afeto, apesar do sobrenome que partilhamos), que abre os trabalhos neste Dossiê. Ele, que também é junto comigo, parte do Coletivo Apoio Mútuo, que

---

<sup>4</sup> A mesa da qual Antonio Motta participou não foi a única de Teoria Marxista. Outros convidados que tem uma base no Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas sobre Marx e o Marxismo da Universidade Federal Fluminense (NIEP-Marx/UFF) aportaram esse conteúdo, como Virginia Fontes, que trouxe na aula Karl Marx com o Método da Economia Política, e Mauricio Vieira que apresentou uma transversalidade do pensamento de Marx e Darwin. Ambos professores da UFF, ela de História, e ele de Sociologia/Filosofia. Mas, infelizmente, não conseguimos incluir os artigos desses demais autores da tradição no marxismo por motivos diversos.

será esclarecido no Bloco IV, nos brinda com um conteúdo teórico e metodológico sobre a trajetória de Rosa Luxemburgo e suas ideias – que causaram impacto nos intelectuais revolucionários masculinos daqueles idos – de modo entusiasmado e relevante.

Aqui apresentaremos, então, a enorme contribuição dessa autora sensível e libertária na dimensão democrática contida na arquitetura de categorias histórico concretas e politicamente engajadas. Como se verá, o debate a partir dessa autora icônica é clássico e ao mesmo tempo atual. E o artigo tem essa dimensão incluída. Da produção de pensamento de Rosa, o autor destaca vivo e tensionado conceito de Acumulação do Capital e sua relação com o desenvolvimento industrial da Polônia que ela estudou empiricamente e a introdução à economia política, um de seus mais fecundos diálogos com Marx. Antonio é autor reconhecido por seus estudos sobre Rosa Luxemburgo e escreveu uma das apresentações da última e nova edição do livro *A Acumulação do Capital* publicado pela Civilização Brasileira há pouco, em 2024.

(2) *A Escola de Niterói e a resistência irredentista de Ana Maria Motta Ribeiro* – Gizlene Neder (UFF/PPGH e PPGSD) e Márcia C. Rodrigues (PGCS/Ufes), falando sobre minha trajetória militante e acadêmica na UFF. Gizlene é minha parceira na coordenação de projetos, em sala de aula, em seminários e associações significativas em minha trajetória. A Márcia, foi uma aluna brilhante que sempre me surpreendia pelas perguntas em sala de aula. Hoje ela tem mais títulos que eu na academia e acho isso fantástico! Ela coordena na Ufes, entre outras coisas, um Núcleo de Pesquisa sobre Estudos Indiciários cujo primeiro afiliado foi o próprio Carlo Ginzburg. Com Gizlene também me entrelaço no Laboratório de Cidade e Poder, coordenado por ela e Gisálio Cerqueira e do qual eu e a Márcia também fazemos parte.

O interessante a observar é que eu e a Gizlene Neder, junto com Gisálio Cerqueira e outros companheiros durante a ditadura empresarial-militar, na ausência de concurso público, éramos contratados temporariamente, a cada ano, na categoria de “professores colaboradores”. Uma forma de terceirização disfarçada, sem direitos, e éramos impedidos de fazer pesquisa como atividade de trabalho nas universidades públicas ou confessionais em que estivéssemos. Aqui no Rio de Janeiro, então, um grupo de amigos professores, resolvemos fundar o SOCII – um grupo autônomo, interdisciplinar e majoritariamente marxista que praticou resistência durante a ditadura empresarial militar fazendo pesquisa individual com ou sem auxílio das agências de fomento, sem qualificação como atividade de docência e durante nosso tempo pessoal. Nos reuníamos periodicamente para debater a conjuntura, estudar e discutir sobre categorias teóricas relevantes e referências bibliográficas. Ali se constituiu, nessa autonomia,

inclusive intelectual, a nossa formação como pesquisadores. Até hoje somos todos e todas amigos e parceiros.

(3) ***Encontros com a Sociologia e os Movimentos Sociais Rurais*** – Leonilde Servolo de Medeiros (CPDA/UFRRJ), minha orientadora duas vezes, de mestrado e de doutorado no Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (CPDA/UFRRJ). Ela me dirige aqui uma fala carinhosa e generosa, abordando nossa trajetória muito próxima desde os tempos iniciais de meu mestrado, e dentro da consigna de “Movimentos Sociais Rurais” nos marcos do PIPSA (Programa Integrado de Pesquisadores Sociais em Agricultura). PIPSA foi um coletivo de pesquisadores nas Ciências Humanas articulados a movimentos sociais e sindicais rurais de diferentes universidades do Brasil, que era financiado pela Fundação Ford e que gerou uma rede de pesquisadores em temas críticos importantes revelando as contradições do mundo rural brasileiro na conjuntura durante a ditadura militar-empresarial, permitindo a construção coletiva de ideias, categorias e formas de assessoria e modos de educação popular junto a entidades.

Recentemente, estivemos envolvidas, junto com outros pares das universidades – Leonilde na coordenação – numa Oficina de Memória sobre a dimensão rural do período da Ditadura no estado do Rio de Janeiro, com foco no campesinato, voltada para professores do ensino fundamental e médio de escolas públicas, em convênios com prefeituras dos municípios de Cachoeiras de Macacu, Campos dos Goytacazes e Seropédica. Assim, com o Núcleo de Pesquisa, Documentação e Referência sobre Movimentos Sociais e Políticas Públicas no Campo (NMSPP), que ela coordena no CPDA; e com o OBFF pelo Departamento de Sociologia e PPGSD na UFF,<sup>5</sup> além da UERJ-São Gonçalo, trabalhamos juntas e afinadas.

4) ***Sebastião Lan e a Terra Prometida*** – Wilson Madeira Filho (Direito/PPGSD) e Juliana Gomes Moreira (UFF). Ele, o meu mais importante parceiro de aulas e pesquisa no PPGSD e ela, uma de minhas alunas, na época, apenas que diferente dos demais que entraram de fato na academia, porque ao finalizar o curso de Ciências Sociais, estando comprometida com o processo de educação popular do MST e com um trabalho de apoio a organização de acervo de memórias e documentos de movimentos sociais pela terra no Brasil, no CPDA (sob coordenação de Leonilde Medeiros), acabou saindo do campo universitário e optou por se tornar

---

<sup>5</sup> Paulo Alentejano, UERJ-São Gonçalo; Delma Pessanha, PPGAS/UFF; Ana Costa UFF-Campos e outros, conseguimos realizar quatro vezes o Projeto Memória, entre 2020 e 2023. E fizemos um livro paradidático: *Contando Histórias da Terra e das Águas*, publicado pelo Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB), para distribuição nas escolas de Cachoeiras de Macacu.

um membro do MST como sem-terra. Hoje, ela é uma autoridade reconhecida em agroecologia e coordena um coletivo dentro do assentamento Terra Prometida (Quilombo das Bruxas) em Piranema, Xerém, onde desenvolve formação e experiências de extensão e, através desse grupo faz sua participação no OBFF.

No ano de 2001, Juliana e outros mais alunos, bolsistas e voluntários, integraram um Grupo de Trabalho – GT Ecosocial, de caráter interdisciplinar, criado formalmente pelo Reitor da UFF para atender demandas dos Ministérios do Meio Ambiente e do Desenvolvimento Agrário em disputa. Os alunos das turmas de cada professor na coordenação – Sociologia Rural (eu); Direito Agrário e Ambiental (Wilson Madeira); Geografia e Biologia (Mônica Cox) e Engenharia Agrícola (Dario Prata), incorporaram o GT e fizeram parte da pesquisa do Laudo<sup>6</sup>, como chamamos. Mas, os da Sociologia e os do Direito, passaram a nos acompanhar (a mim e a Wilson Madeira) e então criamos nossos Núcleos coligados, o LAJA (Laboratório de Justiça Ambiental), com ele, e o OBFF, comigo.

Pode-se dizer que esses alunos junto com Juliana, hoje professores universitários e coordenadores de Núcleos ou observatórios, em suas bases acadêmicas – muitos deles aqui como autores – iniciaram suas carreiras de pesquisadores desde a graduação conosco, tendo como ponto comum, a participação no GT do Laudo. Outros como Janaína Tude Sevá que escreveu o primeiro trabalho (dissertação) sobre o Acampamento<sup>7</sup> e não aparece em artigo, está em permanente contato e oferece disciplinas junto comigo e com Regina Bruno – outra professora do CPDA/UFRRJ, que tem parceria com Leonilde de Medeiros, e comigo, e que me ensina, na sua especialidade magistral de pesquisa e reflexão, as dinâmicas das relações de dominação do agronegócio. Ela orientou Janaína, organizou comigo um GT de Seminário de Sociologia e Direito, mas não pôde escrever aqui um artigo, por motivo de saúde.

**(5) *A ascensão do pentecostalismo em áreas de reforma agrária: a releitura de um estudo de caso no estado do Rio de Janeiro* - Rodolfo Bezerra de Menezes Lobato Costa (UFPR-PPGSOCIO).** Dez anos depois da pesquisa do Laudo, Rodolfo se formou no bacharelado de Ciências Sociais, fez mestrado e doutorado sob minha orientação sobre esse

---

<sup>6</sup> Ver o livro “Laudo multidisciplinar em conflito socioambiental; o caso do assentamento Sebastião Lan II no entorno da Reserva Biológica de Poço das Antas”, publicado pela Editora Autografia, em 2021.

<sup>7</sup> Outros ex alunos daquele tempo da pesquisa do Laudo estão aqui como autores de artigos: como Rodolfo Bezerra de Menezes Lobato Costa – neste Bloco; Ana Cláudia Tavares e Erika Moreira (no Bloco III). O Fernando Henrique Barcellos que estudou a história da região defendeu sua dissertação no tema lá no CPDA, com Leonilde Medeiros, decidiu mais adiante, sair da academia depois de concluir seu doutorado e, Flavio Serafini, que estudou e escreveu sobre as relações de dominação, sindicato patronal e os grupos de suporte como UDR e Lions Club no município do Laudo para nosso relatório, fez o mestrado em Ciência Política, optou pela carreira política e está em seu terceiro mandato como Deputado Estadual pelo PSOL, sempre apoiando as pautas do rural fluminense.

Acampamento. Cinco anos depois, acompanhando em forma de apoio presencial a comunidade, o autor decidiu voltar a estudá-la para dar conta das mudanças tangíveis que sugeriam a existência de uma “outra” comunidade superposta: aparentemente esquecida das lutas de sua fundação e desligada de qualquer entidade de organização popular, embora continuasse na mesma condição liminar de “acampada”, sem cidadania formal para acessar políticas públicas. E os rachas internos se ampliavam, enquanto novos personagens apareciam junto com a atuação centralizada de uma Igreja pentecostal que se instalou e erigiu um pequeno prédio sem qualquer preocupação patrimonial ou comunicado ao Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra). A partir de mais uma demanda da associação solicitando ajuda da UFF, vieram até Wilson e eu. Nos separando, iniciamos pelo OBFF, algumas tentativas de investigação participativa e fomos experimentando metodologias dialógicas para apoiar a produção de um diagnóstico pela comunidade e realizamos experimentos de investigação pelas cartografias sociais, assessoramos a realização de algumas assembleias, reuniões com o Incra. Rodolfo, então, assumiu a necessidade de comparar os momentos e aprofundar uma análise do objeto em movimento.

No artigo, ele nos traz parte de suas reflexões geradas para e a partir da tese, defendida em 2017, relatando e analisando a situação da comunidade, 11 anos depois do Laudo, onde procurou demonstrar como a realidade social é ativa e viva, se transforma em contradições. E que a luta pela terra é de longa duração! Com esse retorno, o autor nos brinda um grande aprendizado para a jornada do OBFF, sobre a importância da *devolutiva* do trabalho acadêmico crítico (desde baixo) para as comunidades observadas e estudadas por nós, reinterpretando o sentido de afastamento e envolvimento dialeticamente articulados no nosso fazer na pesquisa, para poder, sem preconceito, conseguir ver e entender a dinâmica do social. Rodolfo, hoje professor de Sociologia Rural da Universidade Federal do Paraná (UFPR), coordenador do Observatório de Conflitos Ambientais no Programa de Pós-Graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento (PPGMADE/UFPR), que criou com seus alunos, se alia a Wilson Madeira Filho, Mônica Cox, Dario Prata e eu (e nossos respectivos Observatórios/Núcleos/Laboratórios), da UFF, da UFPR, da UFPE e, montamos a segunda edição atualizada do livro “Laudo multidisciplinar em conflito socioambiental”, publicado pela Autografia, em 2021. E ele, passando de “autor-aluno” para Organizador-autor.

**Bloco II – Pesquisas do OBFF na Sociologia Viva:** metodologias participativas e decoloniais para operar em situações de conflito e compreender acumulação do capital, concentração

fundiária, relações de dominação lícitas e ilícitas e experiências de luta de classes, raça, feminismos no Brasil (e América Latina)

Esse Bloco está composto majoritariamente por artigos escritos por autores que de algum modo estão ligados a mim e ao OBFF pelo processo de orientação sob minha guarda e parceria, tanto de mestrado quanto de doutorado. Alguns ainda estão em fase de elaboração de suas teses no PPGSD. Mas todas e todos, se revelam pelos enfoques críticos, pela escolha e construção do objeto teórico e problematização do objeto nas dialéticas, além de uma clara escolha de métodos participativos para a investigação em trabalho de campo (Sociologia Viva) nos quais em geral procuro participar, para pensar melhor depois de ver e conhecer, interagir no ambiente das condições de observação, podendo conviver com os observados e os observadores mais diretamente. Esse trabalho cruzado entre os pesquisadores e entre orientadora/orientandos em geral aporta também algumas buscas metodológicas práticas e relacionadas em cada caso; assim como a eventual emergência e geração de conceitos vindos da situação de investigação e até criação ou aplicação de novas categorias teóricas que poderiam ser intercambiadas entre membros do OBFF em largas conversas e reuniões internas de apoio e reflexão de seus temas e dos “outros” em diálogo, revelando e testando referências bibliográficas, produzindo trocas de informações sobre o que é coletado como informal para depois ver aos poucos, emergir delas (da observação) as vozes de uma história a contrapelo dos segmentos subalternizados como sugere Ginzburg<sup>8</sup>, que escreveu sobre a cultura das classes populares na Idade Média a partir dos manuscritos dos interrogatórios da Inquisição, sugerindo ampliar os olhares para enxergar os indícios e alternativas de fala.

Assim, trabalhamos com a sugestão da relevância do pesquisador operar na observação participante, usando veementemente os cinco sentidos. Esse caminho demonstra-se entre nós, como cada vez mais vital, tanto para descobrir como para coletar acervos entre uma diversidade de possibilidades enquanto formas de acesso constituídas por intuição e sem preconceito de finalidade: sejam documentos pessoais como cartas, panfletos, anotações, memória falada; artísticos como poemas, músicas, dança, festividades religiosas, alimentação, trabalho, plantações, vegetação circundante, paisagem, relação com as águas, moradias, esculturas, arquitetura, álbuns de família, mapas oficiais ou criados por cartografias sociais, imagens guardadas, sujeitos humanos e não humanos, peças de teatro, circo; nomes de ruas, de prédios públicos, jornais de bairro ou de organizações, enfim... quaisquer expressões registradas ou

---

<sup>8</sup> Ver o prefácio do livro *O Queijo e os Vermes*, de Carlo Ginzburg.



acumuladas formal ou informalmente e reconhecidas como integrantes da vida que se estuda, sempre que feitas por um segmento social identificável e contextualizado. Tudo isso torna-se indispensável para quem estuda resistências e os conflitos em suas tensões a partir da perspectiva desde baixo.

Estão eles e elas aqui como autores, agora no Dossiê, que eu convido o leitor a “curiosiar” com eles e elas, um grupo de atuais e ex-orientandos ou coorientandos, profissionais de grande reconhecimento na academia e junto a políticas públicas, que aqui aparecem trazendo reflexões relevantes em textos de maestria. Com recortes de problemática muito bons, perguntas de conhecimento importantes e articuladas a perspectivas de classe, referente à agenda das classes dominantes (oligarquia rural), de um Estado Totalitário ou aos movimentos do capital no estágio de acumulação predatória neoextrativista ou, fundamentalmente, dentro de um campo de disputa até às últimas consequências. Fico emocionada quando leio, mas sei que aqui eu não conto, apenas espero que me acompanhem.

(6) *A resignificação da pesquisa no campo sociojurídico* – Flavia Almeida Pita (UEFS) e Thais Maria Lutterbach Saporetto Azevedo (UFF). As duas aportam propostas teórico-metodológicas a partir de empirias bem especificadas e observadas. Flávia, além do Direito, se aventura em Filosofia e hoje, é a mais procurada, até por nós, para Oficinas de Pesquisa-Participativa. Ela também coordena uma Incubadora de cooperativas populares solidárias na Uefs. Flávia assessora até hoje, desde sua pesquisa de tese, um grupo de quilombolas que ela apoiou quando estiveram na Cantina do *campus* da Universidade e hoje acompanha em suas festas populares de onde saem demandas e pautas, além de amizade preciosa. Enquanto Thais, conhecida como a mais estudiosa de todas e todos, participou, como defensora, de um Julgamento de crime de tentativa de homicídio que foi realizado fora da corte, em Território Indígena de Roraima, enquanto escrevia sua longa tese (quase 700 páginas bem escritas) sobre a narrativa e a interpretação do Supremo Tribunal Federal (STF) em relação a processos envolvendo indígenas no Brasil. Deste lugar, pôde participar e observar. E, ao final do julgamento, após, questionados os ouvintes indígenas “julgaram” os brancos no papel de representantes da Lei no sistema judicial, incluindo o Juiz nessa experiência, como mal-educados, pouco civilizados depois de tantos berros, gritos e palavrões, além de equivocados em suas conclusões. Assim, ela mostrou em ato a produção do conceito de “jusdiversidade”, o que expõe com maestria e como nunca vi em nenhum outro texto com tão sólida base, no concreto da experiência social. Tornou-se uma grande analista na dimensão da diversidade e

hoje, crescendo sua família no segundo menino, forma advogados e advogadas através de estágio numa cidade pequena do interior do estado do Rio de Janeiro.

(7) ***Grilagem como método de apropriação de terras no Oeste da Bahia*** – Mauricio Correia (PPGSD/UFF). Esse artigo traz elementos para um criativo e sólido mapeamento de estratégias de grilagem e tentativas de legalização do ilegal observado no Oeste da Bahia. Toma como base a formação de uma territorialidade do agronegócio, demonstrando em que medida, o assim chamado MATOPIBA<sup>9</sup> – designador do agronegócio no país – é consolidado como interesse político e econômico das oligarquias e de empresas nacionais e transnacionais, pela apropriação privada de terras da União como reservas ou pela expropriação de comunidades originárias ou tradicionais, para extração minerária, para domínio produtivo de monoculturas de *commodities*, ou como base de poder afinado a formas de negócios de ganância com a terra cada vez mais concentrada. Um grupo econômico respaldado em ações do Congresso Nacional por *lobbies* da Bancada Ruralista, extremamente reagentes ao cumprimento da função social da propriedade segundo lavra a constituição brasileira. Esse trabalho tem sido colocado como paradigma para ações de advocacia popular em defesa dos subalternizados do campo e do meio ambiente.

(8) ***As imagens do movimento social construídas pelo sistema de justiça: um estudo de caso*** – Maria José Andrade de Souza (UFOB), Vanessa Ferreira Lopes (PPGSD/UFF e UFT) e Pedro Henrique Oliveira Cuco (convidado, da UFT). Esse excelente artigo traz um exemplo de análise metodologicamente chamada de Teoria Baseada nos Dados que permite ampliar a lentes do observador em relação a indicativos ideológicos escondidos na aparência de narrativas, possibilitando revelar, pela *análise desenvolvida sob a forma de organização classificatória de discursos*, aquilo que estava oculto, mas traduz processos de agência de classe. Vale observar a riqueza criativa do método se compararmos o texto desses três autores focados na *análise*, com o da Thais Lutterback estudando as narrativas preconceituosas do STF sobre indígenas focado, entretanto, pela *interpretação* nas dialéticas. Ambos chegam ao mesmo lugar, embora por caminhos diferentes.

(9) ***A Revolta de Trombas e Formoso e o modelo extrativo canadense no Brasil: a construção de diálogos sobre pesquisas sociojurídicas relacionadas a conflitos socioambientais diante da acumulação do capital*** – Geraldo Miranda Pinto Neto (UEMG) e Thaís Henriques Dias (PPGSD/UFF). Aqui o centro principal da reflexão vigora em torno do

---

<sup>9</sup> Maranhão, Tocantins, Piauí e Bahia, sigla usada para referência ao território consolidado do agronegócio e que se associa às grilagens atualizadas e mais recentes de terras da União ou comunais.

diálogo possível pela metodologia daquilo que é apresentado através de temas e objetos distintos, de diferentes conjunturas, mas com determinações aproximadas pela dimensão do padrão de acumulação do capital e da constituição de um cenário de ganâncias. A possibilidade objetiva desse arranjo textual tornou-se possível pela base estruturante no fato de que ambos possuem formas tensionadas de acontecimentos que se desenvolvem de cima pra baixo. Um relata a sociologia da luta histórica de Trombas e Formosos pela contensão autoritária proveniente da não aceitação do pacto Burguês numa Ditadura empresarial-militar-oligárquica que esvazia a função protetiva do Estado e seu lugar como entidade de Direito na democracia. O outro, de Thaís, explora as formas de despojo e expropriação privada decorrente da crise de acumulação do capital envolvendo um Estado pela promiscuidade de lobbies e defesa de interesses particulares sobre os interesses coletivos. E assim se pode ver, em que medida situações e momentos históricos que aparecem como diferentes, podem conter explicações basilares da forma de organização das elites agrárias, por fora da legalidade neste país, assim como a força de resistência que vem de baixo: na defesa da terra e das águas e das resistências de cidadania e do meio ambiente.

**Bloco III – Experiências pedagógicas de reprodução do trabalho acadêmico coletivo a contrapelo (OBFF):** para dentro e para fora da Universidade, junto às Lutas Sociais e Conflitos – advocacias e formas de educação no popular

(10) *Educação no campo e Assessoria Jurídica Popular: diálogos entre a atuação do NAJUP Luiza Mahin/UFRJ e as experiências do OFUNGO/UFG* – Ana Cláudia Diogo Tavares (PPGDH/UFRJ) e Erika Macedo Moreira (UFG, PPGD/UFJ e PPGSD/UFG). Ambas autoras fazem parte de nosso trabalho comum, desde a fundação do OBFF, e a Erika esteve comigo em pós-doutorado por dois anos no PPGSD. Esse artigo pode ser concebido como o cerne do trabalho de extensão associado à pesquisa e de formação que muito valorizamos e que caracterizam o OBFF, e seus membros em seus próprios Observatórios, Núcleos e Laboratórios, que com ele se desenvolvem de modo articulado. Os membros do OBFF são convidados a participar de atividades feitas nessa linha de ação em todos os casos aqui apresentados. Não são coisas separadas, são reproduções ativas de um modo de trabalho no que chamamos de academia militante. Tanto fazem um projeto com objetivos específicos ao mesmo tempo em que reconstituem um processo de formação em ação participativa e de autonomização, porque quando cada projeto termina (de pequena, média ou longa duração) temos formados quadros

para reprodução de ações semelhantes e temos repassado conhecimento para a continuidade autônoma dos grupos que passam a ser inseridos em políticas públicas, tanto quanto em formas de assessoria a movimentos sociais; ou na coordenação de entidades ou organizações e, se escolherem, também na academia. O importante é que construímos juntos com esses companheiros/as um interesse maior na Teoria como base estratégica de atuação.

Aqui dois exemplos extraordinários são apresentados: um, a do NAJUP Luiza Mahin, com Ana Cláudia e suas parceiras de trabalho na UFRJ (como Mariana Trotta e Fernanda Vieira), focado em formação estruturada para aprendizado em advocacia popular mais intensa de intervenção, pela demanda de conteúdo muito maior em ação voluntária, muitas vezes de capacidade de “ouvir” o outro dentro de processos reais em acontecimento. Com Erika, grande formuladora de Projetos PRONERA<sup>10</sup> não apenas em Goiás e na Universidade Federal de Goiás (UFG), aqui aparece encaminhado pelo OFUNGO, emerge outra frente de formação: aquela de instrução acadêmica e profissional pela Pedagogia da Alternância que abre espaço no mercado de trabalho para grupos subalternizados com consciência crítica em mais de um ofício com nível de terceiro grau. Estudantes formados que facilitam a agilização de políticas públicas como a Reforma Agrária, a defesa de territórios, na prevenção judicial contra a violência de classe, ou em defesa e acompanhamento de quaisquer outras pautas dos movimentos sociais. Tratam-se, as duas experiências, de tentativas efetivas de derrubada dos muros opressivos da Universidade Pública e do mundo culto, abrindo acesso para grupos em estado de desigualdade econômica, que são despossuídos de vantagens instrucionais, econômicas, sociais, culturais, jurídicas e políticas, numa palavra, ideológicas, como diria Marx. E, pretendendo-se que possam ser eficazes nas lutas que esses grupos, quando organizados, combatem contra o capital e sua sociabilidade.

(11) *Leituras de intelectuais negros pelo Movimento Estudantil: entre estudos, trabalho e debate político* – Ana Maria Motta Ribeiro (OBFF/UFF), Elizabeth Arruda (PPGS/USP), e seus convidados: Geovana Melo (PPGS/UFF) e João Pedro Sá Monteiro (PPGS/USP). Esse artigo vem precedido por algumas falas minhas a título de apresentação e esclarecimento, por dois motivos: porque gostaria de divulgar o trabalho desses intelectuais que, quando alunos do curso de graduação de Ciências Sociais da UFF, criaram um grupo político e pedagógico para leitura de autores negros oferecendo oficinas abertas a partir do que chamavam de Diretório Acadêmico de estudantes negros e negras, conhecido como NECS e que alterou, efetivamente, as condições de formação de estudantes, negros e não-negros, que

---

<sup>10</sup> Pronera: Programa Nacional de Educação da Reforma Agrária, coordenado pelo Incra.

dele participaram. Os organizadores desse grupo (entre eles Elizabeth, minha orientanda e do OBFF) disseminaram discussões e posicionamentos na perspectiva da melhor formação teórica; e porque me aceitaram e juntos oferecemos uma disciplina: *Relações Raciais*, no quadro do departamento. Agora aqui estamos outra vez em parceria, dessa vez escrevendo para publicar. Como os critérios da Revista deste Dossiê não permitiam autores mestrands, desacompanhados de um doutor ou doutorando, eu me propus a assinar em coautoria para relatar, rapidamente, a minha articulação com eles que tanto me trouxe conhecimento para em poucas palavras passar para elas/ele a fala escrita, deixando que cada um/a – no alto da grande maturidade intelectual que neles e nelas reconheço, externem mais longamente sobre essa extraordinária, inteligente e combativa experiência pedagógica. Esses três recém-formados bacharéis foram imediatamente aceitos em programas de pós-graduação e espero que se reproduzam em outros e outras em mais de uma Universidade. Uma honra ter aprendido a reler textos que me trouxeram novos conhecimentos que antes eu lia, mas não enxergava. O valor da experiência, segundo E.P. Thompson (*Miséria da Teoria*, Vozes, 2022), fica muito claro aqui!

**Bloco IV – A circularidade das ideias e pautas autonomistas em diálogo com o OBFF:** ideias de classe, raça e gênero – negros/as e originários/as, trabalhadores/as, camponeses/as, os sem terras e os sem tetos, no circuito da justiça social no Brasil (e América Latina) pelo Coletivo Apoio Mútuo, coordenado por Jean Tible, da USP, e do qual eu faço parte, e pelo Coletivo Clínica de Combate ao Trabalho Escravo (atual e pregresso), da UFPA.

[...] é sobretudo no campo da ética que a importância dominante dos princípios do apoio mútuo se revela por inteiro” (Piotr Kropotkin, *Apoio Mútuo*, Editora Antígona, 2021, p. 324).

Sob o regime social de hoje [século XIX] todos os laços de união entre os moradores da mesma rua ou quarteirão se dissolveram. [...] Mas nas ruelas populares, todos se conhecem uns aos outros e estão em contato pessoal permanente. Sem dúvida, também nos bairros populares, como em toda parte, surgem conflitos em torno de motivos mesquinhos: mas proliferam, ao mesmo tempo, grupos que se formam de acordo com as afinidades pessoais e o apoio mútuo é, no interior de cada círculo, praticado num grau que as classes mais ricas desconhecem em absoluto” (Kropotkin, 2021, p. 309).

No início de 2022 fui aceita no trabalho de Jean Tible, para desenvolver meu estágio de pós-doutorado, relacionado, sobretudo a experiências de *circularidade de ideias*<sup>11</sup> no caso sobre

---

<sup>11</sup> Devo a Márcia Rodrigues e a Gizlene Neder, aqui entre nós, a primeira reflexão sobre *circularidade de ideias*. O início dessa construção teria vindo de Bakhtin no seu livro sobre A Cultura Popular na Idade Média e Renascença que destaca o uso invertido da cultura popular pelas classes dominantes. Mais tarde Ginzburg em seu livro “O

reflexões trocadas em temáticas entre UFF (o OBFF no PPGSD) e USP (Jean Tible na pós-graduação de Ciência Política). O sentido de *circularidade* aqui valorizado, envolve o reconhecimento de que existem de fato trocas dialéticas entre culturas e ideias entre as classes e entre pares, não necessariamente no mesmo sentido intencional, e que produzem e expressam conhecimento renovado. Uma prática coletiva deve conter um lugar de reprodução desse fazer circulado. Na USP, o Jean estava estruturando um coletivo interdisciplinar de alunos e ex-alunos ou de fora. Da graduação ou da pós-graduação. Um coletivo de debate e leitura de livros clássicos, livremente escolhidos para o rumo de nossa prosa. Era, inicialmente, só presencial, mais tarde ampliado e concebido como híbrido – abrindo a participação remota para os que não têm condições de presença física, que funciona até hoje e agora! Criamos um grupo de WhatsApp, totalmente aberto, a partir de indicações de seus membros, sem qualquer distinção de hierarquia acadêmica que se define como lugar de trocas: de filmes, vídeos, textos, livros, considerações progressistas sobre a conjuntura do Brasil e internacional com pautas sobre antifascismo, genocídio praticado pelo governo de Israel na Faixa de Gaza, e agendas de mobilização. Temos também, até hoje, um calendário de reuniões com cinema e livros em debate a cada 15 dias. Esse Coletivo foi nomeado por Jean como Apoio Mútuo – certamente inspirado nos estudos presentes no livro do biólogo, filósofo, geógrafo, historiador russo e revolucionário anarquista Piotr Kropotkin<sup>12</sup>. E nossa proposta fica afirmada assim, para que se busque nos artigos, onde e como se espelham, afinam ou desafinam, e se correspondem a esse intercâmbio. E mais, em que medida emergem de conversas teórico-metodológicas entre si através da participação de algum de nós com essa intenção. Aqui nós nos mostramos ao lado desses dois coletivos: Apoio Mútuo da USP, e o Coletivo da UFPA, Clínica de Combate ao Trabalho Escravo de pesquisa e advocacia popular.

O Coletivo da Universidade Federal do Pará (UFPA), a Clínica, é um projeto que existe em diversas Faculdades pelo país e se aglutina no GEPTEC – Grupo de Pesquisa em Trabalho Escravo Contemporâneo. O objetivo geral é acompanhar e estudar casos atuais de trabalho análogo ao escravo, ou escravidão por dívida. No Pará, pelo menos, ele é voltado sobretudo para mulheres – a maioria negras – no trabalho doméstico. O GEPTEC, coordenado por Ricardo Resende (UFRJ) é de dimensão nacional e, a cada dois anos, realiza um grande seminário com

---

Queijo e os Vermes”, e outro, “Nenhuma Ilha é uma Ilha”, onde ele iria elaborar que não apenas o inverso também acontece como ainda é possível considerar o processo de afetação entre intelectuais. Aqui nos referimos aos três processos.

<sup>12</sup> Essa inspiração do amigo Jean em dar ao seu coletivo o nome da ideia de Kropotkin foi e é alentadora!



apresentação das pesquisas recentes. O Emmanuel Oguri e Ana Cláudia Tavares, ambos do OBFF, partilham conosco sua ligação no GEPTEC.

(12) ***Marx e os povos da terra: confrontos e confluências*** – Jean François German Tible (USP/Ciência Política). O autor foi meu Supervisor de Pós-Doutorado na USP por dois anos. Ao longo desse processo o Professor Jean, que opera um trabalho de natureza acadêmica e política conhecido como Pesquisa Luta, nos brindou com esse texto primoroso que remete a sua tese de doutorado (*Marx Selvagem*, Autonomia Literária, 2013) e a outro livro publicado mais tarde, *Política Selvagem*, de 2022. O texto que ele nos oferece traz raciocínios abertos e claros que demonstram nele a autonomia no pensar com competência acadêmica e política, a história e a conjuntura internacional e nacional, procurando interpelar Marx, como ele mesmo afirma. Jean Tible conhece e participa de alguns grupos combativos de discussão, dentro e fora de padrões tradicionais, no ofício de cientista ou como apaixonado por arte e autonomias sociais. E tem uma origem de formação intelectual, como ele mesmo gosta de revelar, que brotou da militância desenvolvida nas experiências da oposição sindical do ABC em São Paulo, durante a ditadura civil-militar. Bacana ele!

(13) ***Uma recusa da categoria é possível no Afropessimismo?*** – Caio Netto dos Santos (UNIFESP). Membro atuante do Apoio Mútuo na USP, o autor explora essa categoria que remete à velocidade e variação de abordagens consequentemente ativas em resposta a um fenômeno dramático de desigualdade por opressão, existente nas sociedades do Ocidente branco colonizado, de experiência escravocrata como a nossa. Acrescidas de um apagamento expropriador, decorrente de anos de silenciamento físico e ideológico – literário e acadêmico dos negros e negras, aqui em destaque como intelectuais e escritores, cumulados na compreensão sensível e objetiva do racismo no país.

(14) ***Por uma imagem a contrapelo do subdesenvolvimento*** – Fernando Rodrigues Frias (USP) analisa sociológica e geopoliticamente o filme *Memórias do Subdesenvolvimento*, do diretor cubano Tomás Gutiérrez Alea. O autor oferece ao leitor um artigo que é uma aula de história latino-americana através da narrativa cênica, que emociona enquanto a gente conhece! Incrível de se ler!

(15) ***Racismo e sexismo na perpetuação do trabalho escravo doméstico no Brasil*** - Heitor Moreira Lurine (UNICAMP), Sandra Suely Moreira Lurine (UFPA) e Ana Luiza de Oliveira Pereira (UFPA). Trouxeram para esse Bloco um texto em coautoria, e parte dessas ideias foram apresentadas no último Seminário do GEPTEC no Rio de Janeiro, em 2024, no

prédio do antigo Ministério do Trabalho, em exposição impactante do Heitor (atualmente concluindo disciplinas do Doutorado na Unicamp), sobre uma perspectiva muito forte: pelo processo de reprodução e introspecção de um *sentimento de racismo* tomando como objeto a sociedade resultante dessa ideologia consignada pela *plantation* nas Américas, e não a partir das pessoas negras em si. Aqui são três os autores honrando com conhecimento e reflexão uma tragédia subsumida pelas relações capitalistas de produção, ininterruptamente no passado e no presente. Como resíduos necessários para seu padrão de acumulação onde as mulheres pobres e negras acabam escravizadas no espaço doméstico em geral desde meninas e que são vítimas esquecidas em uma sociedade cuja cultura dos de cima é baseada na ausência de responsabilidade para os cuidados de si mesmo! Uma honra aportar essas considerações aqui. Recomendo!

Fechando assim os Blocos de organização dos artigos, ainda gostaríamos de fazer breves considerações sobre a conexão ou intercâmbio, para melhor esclarecer a ideia da articulação entre coletivos como fonte de produção de conhecimento científico na Academia Militante, que procura ser a marca do OBFF. Pareceu fazer sentido, então, trazer o próprio Kropotkin pela defesa da solidariedade com o próximo que ele destaca e que aqui seria apontada como lugar de fazer intelectual que pode se expandir dentro e para fora da academia, ao lado das lutas sociais.

Seu livro – *Apoio Mútuo, Um Factor da Evolução*, foi publicado pela primeira vez em 1902 onde ele aprofunda um debate respeitoso com Darwin, sobre a luta sem quartel e a guerra de sobrevivência como chave ética da sociabilidade pela competição e carnificina (teoria da evolução, popular e equivocadamente entendida como a “vitória do mais forte”). Ele trouxe argumentos para defender a ascendência e possível inerência da busca por formas valoradas de apoio mútuo como progresso social, acima da sobrevivência pela carnificina, afirmando: “[...] no processo de evolução, até mesmo a guerra acabou por servir os fins do progresso do apoio mútuo no interior da nação, da cidade ou do clã” (Kropotkin, 2021, p. 322), referindo-se a solidariedade das mulheres camponesas na Europa com soldados chegando às cidades combatidos pela chacina nas frentes e que eram cuidados e alimentados por elas, desmistificando qualquer contradição em termos da ética e da moral para a evolução da espécie. Ele aporta várias situações exemplares tanto da sociedade humana como da sociedade dos animais, minerais e vegetais no planeta, como tendências e possibilidades comprobatórias de sua tese, e sua crença na vantagem e validade da cooperação mesmo quando existe divergência e diferença, porque o sentido é o progresso da espécie e a criação de riquezas na arte, cultura e

na tecnologia para um ambiente melhor para humanos e para a natureza como a principal “punção” da sociedade humana. Ele afirma que: “[...] a luta pela existência conduz, de um modo geral, ao apoio mútuo, não ao combate, como principal critério do sucesso evolucionário” (Kropotkin, 2021, p. 362). Mas ele, como visto na citação acima, também afirma o que poderíamos designar como escolhas e vivências a partir de experiências de classe desde o XIX com o capitalismo incipiente.

Este coletivo que formamos aqui, de modo livre e independente na autonomia ainda existente da Universidade Pública, enquanto organizadores do Dossiê, coletivo de professores formadores, pesquisadores e extensionistas de assessoria popular, e também autores – todos no site do OBFF, acompanhamos Kropotkin, decididamente, quando ele afirma: “Algum tipo de educação [...] terá de ter a senhora das classes abastadas para ser capaz de passar, ignorando-a, por uma criança com fome e que tiritava de frio na rua. Mas as mães das classes desfavorecidas não foram educadas da mesma maneira. Não suportam ver uma criança com fome – têm de a alimentar. E fazem-no!” (Kropotkin, 2021, p. 311). Temos aqui as duas ideias que moveram esse Bloco de Reflexões por coletivos: o sentimento de cooperação com o próximo e a ideia força deste Dossiê de que nenhum *melhor* conhecimento científico é produzido em solidão individual, nem os sonhos! No coletivo se descobre porque se desconfia, concorda e discorda, portanto, pensa-se o mundo! E pode-se ajudar a transformá-lo!

\*

Uma *entrevista internacional*, com **Maria Raquel Gutiérrez Aguilar** de forte impacto pensando a conjuntura<sup>13</sup>. Foi um momento especial estar com Raquel – participei na Universidad Autónoma de Puebla (BUAP), no México, um período como Professora Visitante e, ao lado de Hugo Belarmino – que ganhou uma bolsa de doutorado sanduíche durante o doutorado no PPGSD – para estudar formas do comum na América Latina com ela, uma vez que sua reflexão de tese passava por situações de conflito e impactos sobre agricultores familiares, na maioria organizados pelo MST, CPT e MAB, atingidos por uma mega obra de transposição das águas do Rio São Francisco para a Paraíba durante o governo desenvolvimentista de Dilma Rousseff. A nossa entrevistada transpira a melhor sociologia crítica do continente e se destaca pelo olhar sobre a conjuntura e as relações de expropriação do capital na América Latina e no mundo, no viés feminista e usando outros paradigmas no contrapelo do *estadocentrismo*, reconhecido por ela (absorvido pelo OBFF) como bloqueio epistêmico para a observação e análise das determinações da experiência social. Aqui

---

<sup>13</sup> A entrevista está publicada em *Open access* – Acesso livre!

comungamos dessa ideia que aprendemos em suas aulas na Benemérita Universidad Autónoma de Puebla, México.

Uma **resenha** sobre as ideias de um autor relevante: escolhemos Antonio Bispo, *A Terra dá a terra quer* (Ed.UBU/Piseagrama, SP, 2023), do intelectual orgânico que desafia a academia ortodoxa e positivista! O livro foi resenhado por José Alexandre Picciardi Sbizera (Univale), do Paraná.

Uma **tradução**, feita por Michelly Aragão<sup>14</sup>, cientista social que estuda cartografias sociais de camponesas no noroeste da Argentina e as quebradeiras de coco babaçu no Maranhão, trazendo para a escrita em português, um texto de Karina Bidaseca, uma brilhante e afinada pesquisadora argentina que por sua vez resenha María Lugones e sua inovadora reflexão epistêmica desenvolvida em suas experiências de “peregrinajes” ou experiências com itinerários nômades, visitando os distintos e multidimensionais mundos da mulher, e a partir do que ela chama de *feminismo de color* como nova chave de leitura!

E assim, com muita honra, aí está: o Dossiê Especial do OBFF como Intelectual Coletivo que se oferece ao leitor para ser degustado com marcas de Materialismo Histórico e Dialético, Resistência e Luta!<sup>15</sup>

ANISTIA NÃO! EM DEFESA DA SOBERANIA BRASILEIRA!  
PELO FIM DO GENOCÍDIO EM GAZA!  
PALESTINA LIVRE DO RIO AO MAR!

*Boca do Mato, 12 de setembro de 2025*

**Ana Maria Motta Ribeiro**

Doutora em Ciências Sociais pelo CPDA/UFRRJ.  
Professora Associada ao Departamento de Sociologia e Metodologia das  
Ciências Sociais da UFF.  
Professora Permanente no PPGSD/UFF.  
Coordenadora do Observatório Fundiário Fluminense (OBFF/UFF).

---

<sup>14</sup> Atualmente fazendo pós-doutorado sob minha supervisão no PPGSD/UFF, membro do OBFF, portanto.

<sup>15</sup> O STF condenou à prisão o golpista Jair Bolsonaro, ex-presidente que atentou contra o Estado de Direito por golpe e desrespeitou a Soberania do Brasil! Anistia não!!!!